AS VELHICES DAS MULHERES QUE CANTAM: SER VELHA, SER MULHER E ARTISTA

THE AGE OF WOMEN WHO SING: BEING OLD, BEING A WOMAN AND ARTIST

LA VEJEZ DE LAS MUJERES QUE CANTAN: SER VIEJA, SER MUJER Y ARTISTA

Aline da Silva Pinto[1]
André Luiz dos Santos Silva[2]
Ana Maria Colling[3]
Gustavo Roese Sanfelice[4]

RESUMO
O presente texto tem por objetivo apresentar um estudo realizado com 45 mulheres idosas participantes de um grupo de Canto Coral, tendo em vista as questões de gênero, velhice das mulheres e prática artística. A pesquisa é de inspiração etnográfica, com a utilização de observações, diários de campo, registros escritos das cantoras, acervo do grupo e um processo de criação em Dança. As participantes conservam alguns estereótipos da velhice das mulheres de seu tempo, tais como: a valorização do cuidado e o trabalho no lar. Por outro lado, também os contrapõem, tendo em vista seus movimentos em direção a novas possibilidades de existência.
PALAVRAS-CHAVE: geração; mulheres-gênero; arte.

ABSTRACT
The aim of this text is to present a study carried out with 45 elderly women participating in a choral singing group, in relation to issues of gender, women's old age and artistic practice. The research is ethnographically inspired, using observations, field diaries, written records of the singers, the group's collection and a process of creation in Dance. The participants maintain some stereotypes of old age among women of their time, such as valuing care and work at home. On the other hand, they also oppose them, considering their movements towards new possibilities of existence.
KEYWORDS: old age; women-gender; art.

RESUMEN
Este texto pretende presentar un estudio realizado con 45 mujeres mayores participantes de un grupo de Canto Coral, teniendo en cuenta las cuestiones de género, vejez femenina y práctica artística. La investigación se inspira etnográficamente, utilizando observaciones, diarios de campo, registros escritos de los cantantes, la colección del grupo y un proceso creativo en Danza. Las participantes mantienen algunos estereotipos de la vejez entre las mujeres de su tiempo, como: la valorización del cuidado y del trabajo en el hogar. Por otro lado, también se oponen a ellos, considerando sus movimientos hacia nuevas posibilidades de existencia.
PALABRAS CLAVE: generación; mujeres-género; arte.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os escritos aqui apresentados são provenientes de um processo de pesquisa acerca da velhice das mulheres e suas nuances na convivência em grupo com seus pares, no que tange à

[1] Univesidade Feevale/Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6160-6880.
[2] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9838-2558.
[3] Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5500-4517.
[4] Universidade Feevale, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0159-3584.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

participação em um grupo de Canto Coral com 45 mulheres (identificadas por pseudônimos). A partir da ideia das impermanências que denotam uma relação de trânsito entre incapacidades e possibilidades de vida na velhice, na busca por uma estabilidade nas relações, surgem questões que apontam para os discursos que produzem as velhices das mulheres do referido grupo.

Vale sublinhar, ainda, que o estudo foi inspirado na pesquisa etnográfica, com a duração de 18 meses, findando em 2021. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizadas observações, entrevistas, Diários de Campo (DC), registros escritos das cantoras (MI), processo de criação em Dança, bem como a consulta em acervo pessoal das coralistas.

Nesse contexto, observa-se que seus corpos trazem a identidade do grupo que busca afastar-se do desengajamento da vida social, as ideias de finitude são manifestadas de forma velada, mas são convertidas na transformação dos estereótipos da velhice. As mulheres do grupo consentem e transgridem as normas destinadas aos lugares que ocupam como mulheres de seu tempo, buscam justificativas utilitárias para a sua participação no Coro e ocupam esse espaço expressando-se de diferentes formas.

Destaca-se que o grupo é composto por quatro mulheres negras, sendo que as demais são brancas, com idades entre 65 e 92 anos; além disso, são de diferentes gerações que se agrupam com interesses de uma camada demográfica em crescimento. Naturais, em grande parte, do interior do Rio Grande do Sul. Uma delas é nascida em outro estado brasileiro e uma outra é nascida na Europa. Grande parte é casada ou viúva, suas relações com seus maridos, segundo elas, são primordiais em suas vidas. Quatro mulheres não têm filhos e as demais tiveram de um a cinco filhos. Todas as mulheres se anunciam como pertencentes a algum grupo religioso, ressaltam a importância da fé e da religião em suas vidas.

Os Caminhos das Mulheres que Envelhecem

Pensar a velhice a partir das mulheres que apresentei anteriormente pode nos levar a imagens muito distintas: de um lado, uma etapa difícil e solitária, sobretudo para as mulheres viúvas; de outro, a imagem de corpos ágeis, sorrisos e vida ativa associadas a mulheres tidas como belas por buscarem manter sua juventude. A mídia nos aproxima da ideia de um envelhecimento saudável que mantenha a "jovialidade" por mais tempo. Investimentos sobre os corpos, lugares de poder que se articulam aos modos de vida nas grandes cidades, classificando e descartando os que não servem aos olhares do mundo globalizado.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

> De forma nada surpreendente, as referências ao envelhecimento e ao corpo são, ainda quando não explícitas, feitas sobretudo às mulheres. Não apenas porque, do ponto de vista da idade, no curso da vida, elas vão-se tornando bem mais numerosas que os homens (60% a 80% da população idosa, dependendo do estágio de envelhecimento e do país em questão e apesar de o estresse contemporâneo contribuir para aproximar essas cifras), mas principalmente porque do ponto de vista do gênero as mulheres sempre foram, tradicionalmente, avaliadas pela aparência física e pela capacidade reprodutiva. Em suma, pelo estado do seu corpo: pela beleza que possa exercer atração, pela saúde que permita reproduzir, pela docilidade de um corpo que se deixe moldar para tudo isso e também pela domesticidade, objeto permanente de gestão social (Motta, 2002, p. 45).

Como destacado anteriormente, a vida das mulheres é lugar de debate. Ideais de beleza estão inscritos em nossos corpos, construindo uma estética determinista, talhada nos detalhes que constituem uma imagem tida como ideal do feminino. A delicadeza, a suavidade e tudo o que cabe às sujeitas colonizadas pelo masculino (Colling, 2014).

Nas práticas cotidianas do Coro, são notáveis os ajustes relacionados aos comportamentos das mulheres, suas formas de vestir, falar e se movimentar. A aparência de seus corpos é adornada por símbolos do feminino atrelados aos seus pertencimentos. A permanência no status de outros tempos da vida das mulheres é marcada pelos assuntos relacionados aos filhos e netos, à manutenção da beleza e à necessidade do cuidado com seus maridos.

Observando as coralistas, é possível confundirmo-nos com o que vemos: ora extrapolam as linhas limítrofes entre existir e ser o que a sociedade espera delas, ora se regulam umas às outras, baixando o tom de voz e consentindo os lugares adjacentes dos quais costumam se posicionar. Pondero a questão entendendo que nós, mulheres, de diferentes gerações, passamos por violências diárias, muitas vezes, consentidas, que tentam nos reposicionar em lugares sociais "aceitáveis". Um consentimento extorquido que se torna uma negação de sua liberdade (Perrot, 2005). Consentimento que implica uma relação social que se torna significativa no espaço público, uma relação desigual, um ato íntimo, mas não só, que pode se dar por meio de coerção (Fraisse, 2012).

A mulher que não é mais capaz de ter filhos, que perde o "viço" da pele, parece não ter mais lugar. A vida humana está, ainda, pautada a partir de um olhar masculino, construindo subjetividades que exibem facetas da aceitação de uma condição secundária. Pode-se dizer que essa construção social se revela nas falas de mulheres que, já na velhice, reafirmam a centralidade da família e da função materna como eixos de sentido para suas vidas, tal como segue: "Como mulher, sinto-me realizada, 54 anos de casada, meu marido **ainda** me ama

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

muito, sinto-me feliz com minha família, ela é tudo na vida (MI - Frida, 74 anos, grifo nosso)"; e, também, "A minha vida **se resume** na minha família, adoro estar junto de meus filhos" (MI - Francisca, 71 anos, grifos nossos); e outra: "A minha família é o que eu tenho de **mais precioso**, a eles dedico a minha vida" (MI - Joana, 69 anos, grifos nossos).

Ao escreverem sobre suas vidas e o que consideravam mais importante dizer, nota-se que as mulheres do grupo pesquisado, em grande parte, iniciam seus escritos apontando o casamento, a maternidade e a instituição familiar como determinantes da relevância de suas vidas. Poucas delas trazem de forma direta interesses individuais como balizadores de suas existências. Expressam sua gratidão pela conquista do que "realmente importa" para uma mulher de seu tempo. Ao encontro dessas questões, Perrot (2005) explica que as memórias das mulheres eram voltadas à vida privada, à família e a tudo o que era íntimo. Desse modo, seus registros são, consequentemente, ligados ao seu lugar na sociedade.

Neste sentido, cabe o questionamento sobre uma possível vinculação da materialidade do corpo e a performatividade de gênero sobre as práticas discursivas que compõem os modos de ser mulher e velha. Para Butler (2001), os ideais regulatórios sexistas são forçosamente materializados pelo tempo, de modo que os corpos não se conformam completamente à norma. Compreendendo-se a performatividade como uma prática reiterativa e citacional, a qual a materialidade passa a ser pensada como um efeito de poder.

A performatividade reitera um conjunto de normas e, quando adquire o status de ato presente, oculta as convenções das quais é uma repetição. Não é propriamente teatral, mas ocorre na medida em que sua historicidade é dissimulada. Sendo assim, para Butler (2001, p. 167), "Na teoria do ato da fala, um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que ela nomeia".

Em alguns escritos, é possível observar nuances do discurso científico, de o quanto estar ali, participando do grupo, pode ser bom para pessoas de sua idade. As participantes falam sobre cura, terapia, socialização como um tipo de autorização para circularem em um espaço que não seria legitimamente seu. Relatos de momentos de depressão e de uma melhora nos sintomas por meio da convivência no Grupo de Canto são comuns, tal como segue exemplo: "Entrei no Coro porque tive depressão e só assim fiquei curada." (Cátia, MI, 2018).

Se pensarmos sobre a supremacia do discurso científico/médico dentre os assuntos que remetem aos velhos, principalmente, podemos compreender as ideias apontadas pelas coralistas. A proposição que remete à cura de um mal é irrefutável, de modo que legitima

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

qualquer prática a ela associada. Além disso, relatos sobre “autodescoberta” relacionados à fé e à religião também se entrecruzam em suas existências.

> [...] uma depressão que tive, comecei um trabalho comigo e comecei a me descobrir como ser humano e, a partir daí, modifiquei minha maneira de ser, me valorizando e descobrindo qualidades em mim que, até então, não sabia que tinha, também comecei a entender a existência de um ser superior. [...] Despertei a fé. (Lurdes, MI, 2018).

De acordo com Colling (2014), as codificações das relações entre os homens na sociedade são sustentadas nos discursos hegemônicos com caráter de cientificidade. Eles são fundadores dos vários discursos (religioso, médico, filosófico, psicanalítico e outros). Esses discursos levam em consideração um sistema de categorização binária, hierarquizando as relações, qualificando ou desqualificando um dos lados. Nesse sentido, as representações das mulheres atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico entre os sexos, no dualismo das relações de poder entre eles e elas.

Para pensarmos sobre a categoria "mulheres", faz-se necessária uma reflexão para além da ideia de natureza: é preciso compreender que a superficialidade intencional dessas assertivas deterministas segue sendo amplamente aceita pelas sociedades, com a finalidade de classificar de forma reducionista os lugares sociais para cada “sexo”. Nesse sentido, cabe ressaltar que, em busca de uma categoria de análise desse processo histórico, pesquisadoras feministas desenvolveram o conceito de *gênero*, que, para Scott (1998), constitui-se da seguinte forma:

> Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas como aos rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. O discurso é o instrumento de entrada na ordem do mundo, mesmo não sendo anterior à organização social, é dela inseparável. Segue-se, então, que o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido da realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (p. 15).

Nesse sentido, *gênero* se direciona para a noção de que, durante a vida, por meio das instituições e práticas sociais, constituímo-nos como mulheres e homens de maneira complexa. Existem muitas formas de viver as feminilidades e as masculinidades em diferentes espaços e tempos, em um processo contínuo e ininterrupto. O desenvolvimento do conceito

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

aponta para análises menos reducionistas que ultrapassem a observação apenas dos papéis atribuídos a cada sexo, mas que operem no âmbito de aspectos sociais mais amplos, dando atenção às relações de poder e às intervenções sociais que podemos fazer (Meyer, 2012).

Nicholson (2000) descreve que a atribuição de uma significação moral ou política a uma diferença física não é o mesmo que explicar divisões sociais de uma população. A narrativa biologicista que tenta justificar as desigualdades entre os sexos é o que chama de "fundacionalismo biológico", que está para além do "determinismo biológico". Esse é um processo em que o corpo é tido como um receptor de diferentes artefatos culturais, relacionando as questões biológicas aos aspectos comportamentais. Nesse sentido, a autora considera que, mesmo a concepção considerando as diferenças entre as mulheres, essa é uma análise limitada. A ideia de coexistência leva ao pensamento de que gênero é a representação do que as mulheres têm em comum.

A autora pondera que essa abordagem é dualista e que o que nos difere é mais profundo do que aspectos comuns à biologia. A população humana se difere dentro de si mesma, nos modos como entendemos o corpo para além de expectativas sociais. Nessa perspectiva, Nicholson (2000) aponta para a ideia de "construcionismo social", que, aliado às proposições fundacionalistas, corre o risco de ser generalista. Desse modo, sinaliza que é importante pensarmos as mulheres em contextos específicos, em lugares onde os padrões falham, nos seus lugares na história e na cultura.

Buscando encontrar os lugares de fala nos espaços sociais, históricos, culturais e políticos, inclino-me a pensar sobre ligações possíveis entre os conceitos de *gênero e geração*, que implicam deslocamentos que permeiam os processos de pesquisa. Motta (2010) traz, de maneira abrangente, que a *geração* representa as ações dos sujeitos em seu grupo de idade e convivência social de forma transitória e plural,

> Mas o que a muitos parece insegurança de meios ou demasiada brevidade de realização e, portanto, aparente inexpressividade existencial, mas também epistemológica – mudança de idade de cada indivíduo a cada ano, assim como a gestação de uma nova geração a cada nova pulsação da vida social – em verdade significa o fazer-se estrutural de uma dimensão da vida social, que é, contraditoriamente, tecida com afetividade e relações de poder (Motta, 2010, p. 226).

Ao pensarmos nessas relações, podemos perceber a violência contra as idosas como um fenômeno que se dá no âmbito geracional e que, assim, ganha maior visibilidade por conta

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

da situação de gênero (que atinge preponderantemente as mulheres), devido à própria questão demográfica em que elas são maioria, bem como à "fragilidade" feminina, física, afetiva e social. Ou seja, uma violência que se realiza majoritariamente no contexto geracional. Por isso, é imprescindível a análise dos acontecimentos no contexto articulado dessas duas dimensões: gênero e geração (Motta, 2010).

Para pensarmos sobre tais sistemas que buscam invisibilizar as minorias sociais, faz-se necessário adentrar, mesmo que brevemente, no conceito de *interseccionalidade*, que se inicia entre as pesquisadoras feministas negras norte americanas. Atualmente, esse é um conceito utilizado pelas pesquisadoras para dar conta dos atravessamentos de subordinação que são submetidas as mulheres e as sexualidades dissidentes, tais como gênero, classe, raça, geração, religião etc. Patrícia Hill Collins salienta a emergência do reforço da legitimação do conceito.

> Na década de 1990, o termo *interseccionalidade* emergiu nos limites entre movimentos sociais e a academia, como um termo que parecia capturar melhor o crescente corpus interseccional de ideias e práticas. Ironicamente, narrativas da emergência da interseccionalidade raramente incluem o período dos movimentos sociais, e se limitam a localizar um ponto de origem no momento em que a academia primeiro noticia e nomeia este emergente campo de estudos, as ideias associadas aos estudos de raça/classe/gênero na década de 1980 foram constantemente ignorados até que atores institucionais poderosos o reconhecessem. Ao aceitar um nome para o campo, que foi afastado de sua origem nos movimentos sociais e seus praticantes, esses atores ajudaram a legitimá-lo (Collins, 2017, p. 10).

As análises de normatizações de diferentes categorias minoritárias sociais, em diálogos intermitentes, fazem-se necessárias. Os estudos históricos e sociais das fases e ciclos da vida, aos que são atribuídos maior ou menor valor, assim como os mecanismos de hierarquização de gênero apontam para a velhice como um momento crítico da existência das mulheres. Pensar a interseccionalidade desses conceitos pode dinamizar as políticas de pertencimento (Palmero, 2013).

Nesses escritos, direciono atenção às questões interseccionais de gênero e geração, mas é necessário pensarmos também nas questões étnico-raciais, assim como as questões de classe que atravessam a história do presente grupo. As mulheres negras do grupo representam menos de dez por cento do cômputo total de participantes, o que nos leva a pensar sobre os possíveis motivos dessa discrepância, "pontas soltas" que podem levar este estudo a novos processos investigativos.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

Nesse sentido, buscar uma perspectiva de análise interseccional implica compreender a complexidade das desigualdades sociais, em uma abordagem integrada e não hierarquizante das diferenças. Não basta apenas reconhecermos os múltiplos sistemas de opressão, devemos adentrar nas dinâmicas sociais para a produção de saberes interseccionais que considerem a diversidade interna das categorias de diferença (Bilge, 2009).

Ademais, a estratificação geracional classifica os sujeitos conforme seus lugares de poder no mundo social, de forma que suas capacidades e possibilidades limitam suas liberdades. Quando essa discussão é relacionada à categoria "mulheres", percebe-se a uma combinação em que a invisibilidade é praticamente completa, exceto no momento em que são alvo do mercado, que não cessa esforços para torná-las mais aceitáveis à convivência com gerações posteriores às suas. Subjetividades essas que estão à margem de posições sociais normativas.

Portanto, é válido refletir que lugares sociais destinados a cada sexo e geração são determinados pela história, pela cultura que hierarquiza e pelas instituições que classificam e constroem relações desiguais. Nessa perspectiva, cabe ressaltar a importância de pormenorizarmos as relações entre as mulheres, em especial as diferenças geracionais entre elas. Notadamente, o que se constrói para as diferentes etapas da vida é muito distinto: a mulher de mais idade representava muito pouco no ambiente público, mesmo que no privado tivesse papel determinante nas famílias. "A velhice das mulheres se perde nas areias do esquecimento. Figuras de avós, entretanto, emergem nos relatos, autobiográficos ou romanescos" (Perrot, 2008, p. 49). Essas questões podem ser evidenciadas nos relatos das entrevistadas: "O importante é a minha família, **a busca pela união** de todos e o desejo **que sejam pessoas corretas,** gentis, amorosas e felizes". (Lurdes, 81 anos, grifos nossos); e, também: "Sou uma mãezona muito feliz, **foi muito linda a minha vida**, conto isso com muito orgulho". (Nilza, MI, 78 anos, grifos nossos); ainda: "Importante sobre minha vida: o nascimento de meus **filhos e netos"** (Vilma, MI, 74 anos, grifos nossos); também: "O nascimento dos meus **filhos**, com muito **orgulho**, todos já formados, valeu a emoção na formatura" (Emília, MI, 68 anos, grifos nossos).

As participantes deste estudo apontam o nascimento de seus filhos e netos como o que há de mais importante em suas vidas; deste modo, reforçam a sua responsabilidade com relação à educação e à manutenção da união entre todos os membros do grupo familiar. Ressaltam, ainda, a prioridade dessa instituição e se posicionam à margem do núcleo familiar, pois, na maior parte das vezes, o espaço de poder é masculino.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

Nilza utiliza o tempo passado para contar sua vida que, segundo ela, *"foi muito linda"*, o que nos leva a pensar sobre uma passagem breve pelos lugares de alguma relevância social. O período reprodutivo, de criação dos filhos, o cuidado com o marido e a vinda dos netos parece ser sua "vida real"; consequentemente, a noção de si mesmas se constitui nessas funções.

Nesse sentido, cabe trazer para análise o período histórico brasileiro, que contava com novas políticas públicas destinadas à família, reforçando o que já era conhecido pelas mulheres como importante na sua vida. O Decreto-lei 3.200, de 19/04/1941, assinado por Getúlio Vargas, dizia o seguinte: "Às mulheres será dada uma educação que as torne afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes na administração da casa" (Brasil, 1941). Podemos perceber, então, que Nilza viveu e estudou nesse período e, portanto, valoriza até os dias de hoje essas determinações para as mulheres.

O espaço ocupado por elas no tempo presente parece um hiato que antecede o término da sua vida, todas as "tarefas" destinadas a uma mulher de seu tempo já foram cumpridas e agora basta esperar a morte. Por outro lado, os momentos no Coro proporcionam uma suspensão no tempo, um outro lugar de vida, mascarado por detrás de justificativas utilitárias, de modo que esse lugar é só delas.

A vida das mulheres, segundo Perrot (2008), era uma passagem que durava pouco: a menopausa era tão secreta quanto a puberdade, marcava o fim da fertilidade e o término da feminilidade, de acordo com as concepções do século XIX. Assim como suas vidas, a morte também parecia ser muito discreta: "uma mulher que desaparece não representa muita coisa no espaço público. Mas no coração dos descendentes, é quase sempre a avó que sobrevive por mais tempo, que é lembrada como a testemunha mais antiga, a ternura mais persistente" (Perrot, 2008, p. 49).

Em um momento de preparação para uma apresentação, as mulheres do Coro se mostraram preocupadas com seus modos de estar em cena: "No intervalo entre ensaios, uma delas me chama: 'achas que sou exagerada? Tu me viu? Às vezes, acho que me exibo demais'" (Diário de Campo 5, 2017). Como nos traz Perrot (2005), sua vida, em grande parte do tempo, é de silêncio e espera, aceitação e submissão, fatores esses impostos por um sistema simbólico que cala a expressão e o gesto.

Esses "exageros" são carregados de significados. As pequenas revoluções dos corpos encantam e borram as fronteiras geracionais e de gênero. Os lugares de pertença ao mundo

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

são transformados pela convivência no grupo, que proporciona uma fenda nos cristalizados ensinamentos subscritos em seus corpos.

As experiências no grupo pesquisado podem nos levar à reflexão sobre os espaços sociais assumidos pelas mulheres ao longo dos séculos. É possível pensarmos as relações das mulheres do Coro com a fase da vida em que se encontram. A longevidade feminina supera a masculina, sendo elas em número cada vez maior nos ambientes de convivência com seus pares.

Como discorre Goellner (2008), as gestualidades conformadas e transgressoras são os próprios corpos, cuja pedagogia atravessa tempos e culturas, revelando detalhes sobre quando e onde foram produzidos, reconstruindo passados, projetando futuros e enunciando o presente que investe na sua exibição. Às mulheres, reserva-se uma exibição que privilegia gestos e performances comedidas, marcando seus corpos a partir da delicadeza e de outras virtudes normatizadas como próprias delas.

Tal configuração também se reflete nas colaboradoras deste estudo, que parecem ser concomitantemente conservadoras e transgressoras. Avanço nessa proposição no decorrer deste estudo, observando que estar nesse lugar – movendo-se, cantando e recriando seus mundos – aproxima-as da condição de inquietude, por mais corriqueiro que possa parecer um grupo de "idosas" em um Coro. A partir disso, por um lado, é notável que práticas discursivas salvacionistas das instituições as atravessam e compõem suas respostas sobre os motivos de participação nesse grupo; por outro lado, deixam pistas de que seus interesses nessa convivência estão para além do que costumam verbalizar.

Muitas delas buscam uma "utilidade" ou uma justificativa concreta para tal participação, apresentam essa ideia quase que como um "álibi" para seguirem com suas práticas artísticas. A lógica interna desse grupo parece não estar em consonância com a ideia de convivência para a saúde, qualidade de vida e outras "aceitáveis" necessidades dessa etapa da vida (sem desconsiderar o impacto dessa participação para os pontos citados). Elas precisam "existir", querem ser vistas, querem fazer Arte!

O discurso da inferioridade feminina está nelas, em seus gestos e fazeres, movem-se e dizem-se pertencentes a este lugar pré-determinado pela vida que lhes foi imposta. "A maioria das mulheres acomodava-se na instituição familiar dominada pelos homens que lhe garantia subsistência, oferecia-lhe um companheiro para toda a vida e fornecia um sentimento de proteção frente ao cotidiano" (Colling, 2014, p. 46). Pude perceber a aceitação do lugar de

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

coadjuvante em muitos momentos. Apresento aqui um deles, na parte inicial de um ensaio do Coro, quando uma das cantoras lê uma mensagem às suas colegas:

> [...] Ela traz uma mensagem sobre um "shopping de maridos", uma historinha engraçada que, ao final, diz que nós, mulheres, nunca estamos satisfeitas [...] lugar de consentimento, mais uma vez [...] todas riem e concordam. (Diário de Campo 12, 2018).

O contexto dessa pequena história contada por elas trazia a descrição de um homem que cozinhava, cuidava da casa e dos filhos, era rico e muito bonito, mas, ainda assim, a mulher não estava satisfeita. Nas entrelinhas dessa conversa, percebo que todas as mulheres consideram um feito inédito, um homem que faz tarefas que são tidas como delas, uma espécie de favor, pois não é obrigação deles o fazer. Concordam com a ideia de que nunca estão satisfeitas, mas no sentido de repreensão de seu próprio comportamento.

Nesse lugar, elas encontram permanência, mesmo em desconforto. Comentam e discordam de ações de seus cônjuges, mas seus movimentos não as deslocam ao pensamento reflexivo acerca dessas questões. Chegam em seus corpos senhoris de subserviência e, logo, se despem para a participação no ensaio. Abrem suas bolsas e sacam novos gestos, vozes e tudo mais que as satisfaz. Ao final, guardam tudo e voltam para suas casas.

Em nossos encontros, dançávamos; assim, organizamos uma apresentação de dança para os vinte anos do grupo! Construímos, juntas, um cronograma de atividades de acordo com seus interesses. O entusiasmo com as propostas era verbalizado nas falas desenfreadas sobre suas experiências anteriores, tanto em aulas formais quanto em bailes e noitadas dos quais fizeram parte. Cada escolha trazia uma lembrança e, consequentemente, uma história para contar.

Nesse tempo em que estive com elas, pude também refletir sobre meu entendimento acerca dos motivos que transformam uma pequena conversa com alguém velho em um diálogo de horas. Uma palavra dita remete a muitas memórias e partilhá-las dá vida ao que realmente importa para cada pessoa humana. Para pensarmos o que e como dançaríamos, reviramos os "baús" de nossas existências e partimos para novas experiências.

Dentre muitos códigos de dança apontados por elas, um momento leva minha atenção às suas maneiras de serem mulheres, quando exploramos movimentações da dança do ventre. Elas trouxeram véus e chegaram muito ansiosas para a prática. Fechamos as portas e vivemos entre nós essa experiência.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

Mover o quadril mostrava ser o maior desejo das colaboradoras, mas seguiam aperfeiçoando a delicadeza aceitável para uma mulher da idade em que se encontram; deste modo, seus movimentos eram suaves e indefinidos. Algumas transformavam esses padrões e se permitiam explorar movimentos mais fortes e definidos, mas pelo chão nunca passavam (Diário de Campo 23, 2018). Quando dançavam de forma mais "ousada", riam de si mesmas, em uma espécie de desautorização, fuga ou autoironia.

> O riso, quando é entendido como autoironia, como um componente irônico da própria consciência, supõe sempre um olhar cético sobre si mesmo. E funciona assim, como um tipo de corretivo frente a uma consciência que tende a uma fixação, à limitação, a sentir-se demasiadamente crente de si mesma. A autoironia é um movimento de revogação da identidade: a consciência que ri anula-se a si mesma, se contradiz a si mesma, está sempre por cima de si mesma a fim de evitar a sua fixação. E assim o riso põe a nu sua própria finitude, a arbitrariedade e a contingência de qualquer forma estabilizada. (Larrosa, 2010, p. 180).

O riso se mescla ao corpo que extrapola as fronteiras dos padrões pré- estabelecidos e se espalha entre olhares de desaprovação e interesse. Percebo que, no ambiente privado (sala com portas fechadas), elas aceitam conhecer os espaços que seus corpos podem atingir e ampliar suas possibilidades de movimento; por sua vez, o que se torna "público" é mascarado pelo discurso do envelhecimento ativo e bem-sucedido. Elas justificam sua participação a partir dessa ideia aceitável pela sociedade em que vivem, como alento anteriormente citado, mas habitam seus corpos de forma peculiar, o que, por vezes, é contraditório às suas palavras.

Foucault (1997) traz a ideia de que o poder sobre a vida, a partir do século XVII, se divide em dois polos de desenvolvimento, que estão interligados por um feixe de relações. O primeiro está centrado no corpo-máquina e no adestramento de suas aptidões e forças, na utilidade, docilidade e integração com o controle, caracterizando as disciplinas anatomopolíticas do corpo humano. O segundo opera como fator de segregação e hierarquização social, garantindo efeitos hegemônicos e o exercício do biopoder. Sendo assim, podemos observar no caderno de poesias de Angélica aproximações importantes com essa questão:

> Na sala, esta lâmpada ilumina meu teto. Da cozinha, te vejo pendida. Iluminando com tanto afeto as horas negras da minha vida. Iluminas minhas insônias noturnas. E teus raios tristes acalentam minhas ideias taciturnas, levando para longe a tormenta. São só dois polos ligados até o fim da corrente. Somente com força encanada torna-te assim, incandescente (Angélica, [s.d.]).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

O dispositivo aqui representado pela incandescência gerada por dois polos pode nos levar ao corpo não mais útil da mulher velha que busca significar-se pelos padrões que dela escorrem. Se, para as mulheres, são atribuídos papéis relacionados à maternidade e ao cuidado, chega o tempo em que essas práticas não fazem mais parte de sua rotina. Os filhos já estão crescidos e grande parte delas vive sozinha desde o falecimento de seus maridos. E agora? Quais são os sentidos de uma existência marcada por caminhos traçados pelos outros? Qual o lugar de uma mulher que já cumpriu seu papel no mundo? O que lhes resta?

A característica central em sua situação de vida, como mulher velha, é de aceitação: "uma delas trouxe um lenço para usar no pescoço (para um figurino) que serviu de exemplo, disse que se sentiu envergonhada por portá-lo. [...] observada, inadequada [...] parece insegura, buscando ser aceita" (Diário de Campo 12, 2018). Aqueles que se relacionam com elas não conseguem oferecer o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade as levavam a esperar. Em resposta a essa negação, elas constroem um contraponto, descobrindo que alguns atributos ainda lhes garantem valor e reconhecimento (Goffman, 2014).

O imaginário da mulher sem serventia aparece ora como um lugar comum e de aceitação, ora como algo a ser rechaçado. Quando ditos aceitos, são extrapolados pelos corpos que ali convivem; quando não, libertam lindamente suas vontades e pensamentos em voz e gesto. Em diálogos, nos ensaios, é comum escutarmos comentários tais como: "já fui bonita..." (Diário de Campo 26, 2018), dentre outros assuntos que tangem a ideia de serem menos vistas nas apresentações, por cantarem menos músicas e aparecerem pouco, assim, comparam-se com os mais jovens (Diário de Campo 19, 2018).

Ser velha costuma ser um problema que precisa ser resolvido, com toda urgência. A mulher que não pinta o cabelo ou não utiliza artifícios para garantir sua beleza é considerada desleixada ou "mal-amada". Beleza, matrimônio, maternidade e habilidades com a cozinha e a casa ainda são atributos descritos em qualquer diálogo corriqueiro. Ilusão pensar que essa ideia é superada; aliás, entre nós, mulheres (de diferentes gerações), vemos cristalizados esses hábitos de vida.

> Os que não cuidam do corpo "conforme manda o figurino publicitário e científico atual" podem ser vistos como pessoas sem autoestima. O mais assustador é quando os rostos com rugas começam a se parecer com figuras de outro planeta [...]. (Rougemont, 2016, p. 124).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

Envelhecer pode significar um silenciamento para muitas das mulheres. A busca por processos de rejuvenescimento facial e corporal permeia os assuntos dos grupos de convívio. As clínicas estão repletas delas, que todos os dias se dedicam a parecer mais jovens. Maquiagens, cabelos e uma bateria de ações constroem a mulher que sai do privado ao público. Quando não estão devidamente "organizadas", desculpam-se, acusam-se pelo desleixo e aguardam uma resposta gentil que as deixe confortável com sua própria aparência, como destaquei anteriormente.

> Manter-se jovem torna-se um imperativo. É preciso ser jovem e, quando se deixa de sê-lo, é preciso investir no próprio rejuvenescimento, abolindo qualquer sinal na pele que traduza marcas do tempo, revitalizando o corpo e a mente, adotando uma vida ativa e performática e mantendo a saúde e a boa forma a qualquer custo. Tudo isso articulado ao imperativo do prazer que deve ser perseguido e vivenciado indefinidamente (Couto; Meyer, 2011, p. 2).

Há, então, o estímulo a um mercado de purificação e embelezamento, sustentado por produtos e procedimentos que prometem esticar e preencher os estragos do tempo nos corpos humanos – corpos que, quanto menos jovens, mais dignos de pena e, paradoxalmente, mais humanos parecem se tornar. Na dinâmica social em que vivemos, a velhice é um direito negado, proíbe-se exibir o aspecto que os avanços da idade denotam (Sibilia, 2012). As práticas de consumo ligadas à ideia de "envelhecimento saudável" estão inseridas, como nos traz Rocha e Castro (2009), nas dinâmicas socioculturais e econômicas que as circundam, sendo inadequado pretender tratá-las como esferas isoladas que obedeçam apenas a impulsos de ordem individual e intersubjetiva.

Nesse sentido, podemos pensar que, mesmo diante da negação e desvalorização das mulheres velhas e do estímulo ao consumo de ideias ligadas à juventude, as participantes do Coro Canto e Vida direcionam-se para novas formas de ser mulher e velha. Apesar de seus discursos atravessados por suas subjetividades, como mulheres de seu tempo (valorizando os padrões aceitáveis para gerações anteriores), movimentam-se para outros modos de existir.

Nos processos de partilha com elas, foi preciso atentar ao que parecia corriqueiro, como nos pequenos comentários sobre assuntos do dia a dia. Assim como existem cristalizações de discursos ligados à maternidade, beleza e juventude feminina, é notável que resistem e transformam a sua realidade por meio da prática artística. A ideia de surpreender o mundo, de sair da norma, as seduz e convence de que são, sim, donas de suas próprias vidas.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

Não se desligam completamente dos caminhos seguidos por suas famílias, das amarras sociais às quais foram (ou ainda são) ligadas, porém, avançam para um espaço de questionamento. Lá, no Canto, é sua brecha de tempo, seu lugar para pensar, resistir, performar. Seus desejos estão em primeiro plano. Quando cantam, são protagonistas de suas vidas, mesmo que, ao voltarem para casa, performem a mulher subserviente.

CONSIDERAÇÕES FORTUITAS

Ser velha denota um lugar na vida contemporânea, mulheres velhas têm espaços distintos dos homens e, para esse grupo, as questões relativas ao cuidado, por exemplo, são ressaltadas em todos os momentos. Tanto no início de seus ensaios, quando conversam e recitam as suas poesias, quanto durante as atividades, pequenos gestos e falas reforçam as formas de ser mulher que consideram importantes.

Cuidar de filhos, netos e maridos é tarefa comum entre elas, justificam-se a todo o tempo quando não podem satisfazê-los com um bom almoço no dia em que se deslocam para o Coro. Felicidade é citada como sinônimo de família, nos arranjos mais tradicionais possíveis, parece existir uma espécie de preocupação quando recebem ligações dos parentes durante o Canto. Algumas delas verbalizam seu interesse pela arte, a vontade de aprimorar técnicas de Canto e o quanto essa participação é primordial para elas, sobretudo as que são divorciadas.

Por um lado, a expectativa da mulher velha, que deve se dedicar ao espaço privado e ser direcionada à casa e à família, é reforçada, mas, por outro lado, extrapolada. Algumas mulheres dedicam-se a si mesmas, mostram-se vigorosas e senhoras de si, outras parecem se contaminar dessa liberdade, passando a assumir alguns riscos, dando sinais de que se sentem seguras para seguir suas escolhas.

Ultrapassam as fronteiras e as linhas limítrofes dos modos de ser velha, ora estão de um lado, ora de outro, apagando esses traços que as definiram um dia como pertencentes ou não a uma determinada categoria geracional ou de gênero. Suas performances constroem um lugar dinâmico que lhes permite deslocamentos e aproximações a diferentes abordagens de velhice.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

REFERÊNCIAS

ANGÉLICA. **Caderno Pessoal de Poesias**. Novo Hamburgo, [s.d.].

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l‟intersectionnalité. **Diogène**, n. 225, p. 70-88, 2009.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.200, de 19 de abril de 1941. Dispõe sobre a organização e proteção da família. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Rio de Janeiro, 19 abr. 1941, p. 7.734. (Publicação original). Disponível em: Câmara dos Deputados. Texto atualizado. Acesso em: 8 jul. 2025.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo". *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** psicologias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais:** a construção do corpo feminino na história. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo,** v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559. Acesso em: 2 fev. 2021.

COUTO, Edvaldo Souza; MEYER, Dagmar Estermann. Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, n. 19, p. 21-32, jan./jun. 2011. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5518. Acesso em: 10 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. Trad. Roberto Machado-Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1997

FRAISSE, Geneviève. **Del Consentimiento**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A cultura fitness e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. *In*: STEVENS, C. M. T.; SWAIN, T. N. **A construção dos corpos:** perspectivas feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008. p. 245-260.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-27.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.	
Recebido em: 14/10/2024	Aceito em: 15/04/2025

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. *In*: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 37-50. Disponível em: http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf#page=36. Acesso em: 23 nov. 2018.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 225-250, maio/ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200005. Acesso em: 17 out. 2018.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, 2000.

PALMERO, M. J. G. Bi política, Género, Interceccionalidad. *In*: CRESPO, P. F. *et al.* **XXI Jornadas Internacionales de Investigación Interdisciplinar:** Género y envejecimento. Madrid: Ediciones de la Universidade Autónoma de Madrid, 2013.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela G. S. Cultura da mídia, cultura do consumo: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **Logos 30, Tecnologias de comunicação e subjetividade**, v. 16, n. 1, p. 48-59, 2009. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/361/321. Acesso em: 2 mar. 2019.

ROUGEMONT, Fernanda dos Reis. A longevidade da juventude. *In*: PINSKI, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 105-125.

SCOTT, Joan. **La cytoyenne paradoxale**: lês feministes française e lês droits de l'homme. Paris: Edition Albin Michel S.A., 1998.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos: A moral da pele lisa nos meios gráficos audiovisuais. *In*: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2012. p.145-160.

SILVA, A. L. S. dos; PINTO, A. S. da; COLLING, A. M.; SANFELICE, G. R. **Diário de Campo 5**. Novo Hamburgo-RS, 2017.

_____. **Diário de Campo 12**. Novo Hamburgo-RS, 2017.

_____. **Diário de Campo 19**. Novo Hamburgo-RS 2017.

_____. **Diário de Campo 23**. Novo Hamburgo-RS 2017.

_____. **Diário de Campo 26**. Novo Hamburgo-RS 2017.

_____. **Registros Escritos das Cantoras (MI)**, Novo Hamburgo-RS 2018.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025

SOBRE OS AUTORES

Aline da Silva Pinto
Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Mestre em Educação, Especialista em Educação Psicomotora. Formação em Licenciatura Plena em Educação Física. Professora adjunta do Curso de Educação Física da Universidade Feevale e do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Pesquisadora da área de Corpo e Envelhecimento.
E-mail: aspinto@hotmail.com

André Luiz dos Santos Silva
Doutor em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com Pós Doutorado em Educação, também pela UFRGS. É professor dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) na UFRGS. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - GRECCO (Grupo de Estudos Sobre Cultura e Corpo) e do Grupo de Estudos sobre Relações de Gênero Educação e Violência (GERGEV).
E-mail: andrels@ufrgs.br

Ana Maria Colling
Doutora em História. Especialista em história das mulheres, relações de gênero e sexualidades. Pesquisadora da UNESCO, junto à Cátedra Diversidade Cultural, gênero e Fronteiras.
E-mail: acolling21@yahoo.com.br

Gustavo Roese Sanfelice
Doutorado em Ciências da Comunicação/Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos (2007). Mestrado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (2002). Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (2001). Atualmente é professor Titular da Universidade Feevale, como professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social/Feevale.
E-mail: sanfeliceg@feevale.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2025.
Recebido em: 14/10/2024 | Aceito em: 15/04/2025